

DIÁRIO DE VIAGEM

# À PROCURA DE SEFARAD NAS JUDIARIAS DO MEDITERRÂNEO: SAGUNTO E LORCA

---

Carmelo Jordá



CAMINHOS DE  
SEFARAD  
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

#DescubreSefarad

[WWW.REDJUDERIAS.ORG](http://WWW.REDJUDERIAS.ORG)



## Carmelo Jordá

Carmelo Jordá vive em Madrid, cidade onde nasceu. É jornalista, amante das viagens e da fotografia. Escreve sobre viagens há mais de 20 anos, publicou centenas de artigos em vários meios de comunicação e colabora frequentemente em programas de viagens e turismo. Também se dedica de forma habitual a escrever sobre política nacional e internacional ou economia para Libertad Digital e participa em tertúlias políticas, sobretudo na esRadio. Em 2021 publicou o seu livro “Lugares generalmente distantes”, no qual descreve lugares com significado na sua vida, que o marcaram ou onde experimentou algo e para onde convida o leitor a viajar.

---

*Diário de Viagem. À procura de Sefarad nas judiarias do Mediterrâneo: Sagunto e Lorca.*

*Edita: Red de Juderías de España. Plaza de Maimónides, s/n. 14004 Córdoba (España), [www.redjuderias.org](http://www.redjuderias.org).*

*Todos os direitos reservados.*

## DIÁRIO DE VIAGEM

# À PROCURA DE SEFARAD NAS JUDIARIAS DO MEDITERRÂNEO: SAGUNTO E LORCA

---

### Carmelo Jordá

Viajar é geralmente viajar no espaço, atravessar o território de um ponto a outro, seja prestando mais atenção ao que encontramos à medida que avançamos ou centrando-a toda no nosso destino. Mas também pode ser -e essas são as melhores viagens para mim- viajarmos no tempo, mergulhar no passado que nos explica o presente ou até nos diz como pode ser o futuro.

Assim são, e por isso me agradam tanto, as viagens que fazemos pelas judiarias de Espanha: não só avançamos e retrocedemos seguindo os conselhos não tão infalíveis do GPS, como também regressamos a épocas longínquas, a tempos distantes nos quais Sefarad não era uma palavra carregada de nostalgia. É assim que imagino que vá ser, e por isso espero tanto desta rota, conhecer Lorca e Sagunto.



## DE JUDIARIAS E CASTELOS E JUDIARIAS EM CASTELOS: LORCA E SAGUNTO OU SEFARAD NO LEVANTE

Há duas razões muito boas para sair cedo de Madrid por estrada quando se inicia uma viagem: chegar mais cedo ao seu destino e evitar o trânsito caótico das manhãs madrilenas. Motivos mais do que suficientes para que ao amanhecer me encontre no meu carro e entrando nas primeiras planícies de La Mancha.

Estou a caminho de Lorca, uma cidade da qual quase não tínhamos notícias até a terra tremer há apenas dez anos e à qual, confesso, dificilmente teria viajado se não fosse por um passado sefardita que segundo me dizem é tangível ali como em quase nenhum sítio de Espanha, um milagre arqueológico desses que a história nos oferece muito raramente.

Depois a minha rota irá virar para o norte e aproximar-se da costa para conhecer outra cidade onde nunca estive mas que já tinha entrado nos meus planos: Sagunto a ibera, romana, muçulmana e, claro, também judia. De fato, muito judia, embora frequentemente fique na sombra - literalmente, como descobrirei mais tarde - do grande teatro ali deixado como presente do imperador Tibério.





## DIA 1: LORCA, PARADOXOS FELIZES

Chego a Lorca a meio da manhã, com tempo suficiente para mergulhar totalmente nesse passado que tanto me interessa. Além disso, para isso tenho a sorte de contar com a companhia mais adequada: Andrés Martínez, diretor do Museu Arqueológico Municipal de Lorca.

Recebe-me no seu próprio escritório no Museu, que fica num charmoso palácio do final do século XVI e início do século XVII com um certo ar andaluz, talvez apenas por desvio dos meus olhos profanos, talvez porque, ao fim e ao cabo, estamos apenas a alguns quilómetros de Almeria. Andrés mostra-me mapas, fotos e documentos para explicar-me o quão excecional é a judiaria de Lorca e a sorte incrível que foi encontrá-la.

Mas creio que nenhuma informação prévia poderia preparar-me para visitar a esplêndida sala dedicada à judiaria do próprio museu, que possui um acervo de pequenas e não tão pequenas maravilhas.

As mais espetaculares são cerca de vinte lâmpadas de vidro usadas na sinagoga. A história deste tesouro único no mundo é uma sucessão de paradoxos: o primeiro é que algo tão frágil como essas peças de vidro se tenham conservado por mais de cinco séculos.

“

*O segundo é que se chegaram até nós, é precisamente porque já estavam partidas há quinhentos anos, pois foram todas encontradas num único espaço no qual se amontoavam os fragmentos do que, segundo os arqueólogos, eram luzes que já não se usavam, retiradas de algo semelhante ao lixo e que por isso ali ficaram quando os últimos sefarditas abandonaram Lorca.*

”

Andrés também me acompanha até o alto da colina onde o seu enorme castelo domina a cidade. Ali, a judiaria de Lorca espera-nos como um espetacular sítio arqueológico.

Vejo mais paradoxos: a rejeição de tudo que é judeu ou o medo da Inquisição fizeram com que

tudo esse bairro no alto da cidade não voltasse a ser ocupado como se ocuparam quase todas as judiarias de Espanha.

Depois da expulsão chegou o esquecimento: nem mesmo os convertidos se aventuravam numa zona que fora deles e que aos poucos se foi apagando da memória de todos até não se saber exatamente em que parte da grande fortaleza se situava a judiaria.

E foi essa rejeição e esse abandono que nos deixaram o luxo arqueológico que Lorca agora pode ostentar e desfrutar: uma judiaria que talvez seja mais evocadora do que a de outras cidades, sim, mas que não é apenas autêntica em cada uma das suas pedras, mas que está a ser e será ainda mais no futuro, uma enorme fonte de informação sobre Sefarad e os sefarditas, algo de valor incalculável.

Até ao momento foram encontradas 18 casas, algumas delas visivelmente grandes, que nos falam de uma comunidade com um certo nível de bem-estar e que, talvez por estar um pouco mais afastada do centro urbano ou por encontrar-se ao abrigo da muralha, poderia mostrar essa posição económica sem temor a represálias ou a gerar hostilidade.

### **A sinagoga**

O conjunto espetacular, do qual se crê que ainda faltem bastantes casas por descobrir, tem o seu ponto culminante em algo que também é extraordinário: a sinagoga que foi descoberta durante as escavações.

Desenhou-se para ela, uma forma de a mostrar ao público, que devo reconhecer me agrada muito: dentro de uma zona fechada e coberta, o pequeno templo é por sua vez coberto por uma grande estrutura de madeira que imita a forma que deveriam ter as suas paredes e tetos, no final do século XV.

A ideia engenhosa permite distinguir perfeitamente o que é original - que é muito! - do que é a adição atual, mas ao mesmo tempo tem um poder evocador inegável: creio que dificilmente nos poderíamos sentir mais ligados àquele passado, sentir-nos tão próximos daquela Sefarad e daqueles espanhóis que ali rezaram até a malfadada data em que tiveram que abandonar a sua terra.

Contam-me que alguns visitantes judeus choraram ao entrar na até há pouco tempo esquecida sinagoga de Lorca e eu acredito: até para mim é emocionante sentir-me ali, saber-me ali.





### Três culturas na comida

Depois da viagem e de uma manhã tão intensa, é preciso repor o ânimo e as forças, e para isso não há lugar melhor que o Caballerizas del Castillo, o restaurante no interior da fortaleza de Lorca. Para começar porque me sento numa sombra refrescante com vista para a muralha e a esplêndida torre Alfonsina. Mas como se isso não bastasse, no Caballerizas del Castillo preparam um menu das três culturas que é perfeito para quem, como eu, chegou à cidade à caça da Lorca do passado.

“

*A comida baseia-se em receitas tradicionais da zona e em pratos com componentes e sabores sefarditas ou mouriscos, mas o mais importante de tudo é que é deliciosa: chamuças de frango, cuscuz, o húmus mais requintado que já provei e também um prato bem local “choto frito”... uma mistura aparentemente impossível, mas que funciona às mil maravilhas.*

”

E depois de tanta cultura gastronómica é tempo de descansar não só da comida mas também de tudo o que foi descoberto durante a longuíssima manhã. Felizmente o hotel fica muito perto: se formos a Lorca pela sua judiaria é quase impossível não pensar em alojar-se no Parador, que não só está literalmente sobre a própria judiaria, como também é o responsável por a trazer à luz: o achado arqueológico surgiu durante as obras de construção do edifício no interior do recinto do castelo.



É mais um dos felizes paradoxos de Lorca: a polémica construção do Parador dentro da Fortaleza del Sol trouxe de presente uma das judiarias mais interessantes da Espanha.

E claro, para além da sua localização, os seus quartos amplos e confortáveis tornam o hotel perfeito para conhecer Lorca e para o que me disponho a fazer agora: deixar passar as horas de maior calor antes de voltar a passear por uma cidade que quanto mais conheço mais gosto.

### **San Patricio, como na Irlanda**

Descendo deste o alto do castelo, destaca-se no panorama de Lorca o enorme maciço da Colegiata de San Patricio, a única igreja espanhola consagrada ao padroeiro da Irlanda que não o

é por haver alguma ligação com a verde Éire (Irlanda), mas pelo mesmo que deu nome a tantas coisas em Espanha: um episódio da Reconquista.

Aproveito a tarde para entrar na imponente igreja, com um estilo renascentista exuberante na sua fachada, cuja pedra cor de terra se vai avermelhando com o sol da tarde até parecer esculpida em barro, como uma peça monumental de cerâmica.

Mas a grande igreja não é a única coisa impressionante: a praça onde está localizada é belíssima, retangular e perfeita. Num dos seus lados mais amplos encontra-se a colegiada, em frente dela uma fileira de casas antigas, que se diria, estão cuidadosamente descuidadas.

Nos lados mais estreitos está o belo edifício do Ayuntamiento, com uma dupla arcada de pedra, e a imponente Casa del Corregidor com o seu grande escudo na esquina. Em frente, as Salas Capitulares da própria Colegiada e um edifício precioso de paredes brancas e cor tostada em janelas e varandas que é um exemplo perfeito da arquitetura típica da cidade.

Uma arquitetura que encontro depois em palácios, casas e igrejas do centro histórico de Lorca, ao qual dedico as últimas horas da tarde, enquanto o sol se põe por detrás da grande fortaleza que se mantém ali, em parte protegendo e em parte vigiando a cidade, como tem feito nos últimos 1.000 anos, apesar das mudanças e até, apesar dos terremotos.



DIA 2:

## UMA SEMANA SANTA JUDAICA?

Acordei praticamente de madrugada para ver como os primeiros raios de sol se iam estendendo sobre a muralha, de uma forma não muito diferente -embora certamente muito mais confortável, devo admitir- de como os judeus de Lorca o viam a apenas alguns passos do meu quarto.

Ponho-me em marcha cedo porque a manhã vai voltar a estar carregada de história: vou passear pela fortaleza medieval onde me encontro e, espero, descobrir todos os seus segredos.

Estou acompanhado por Enrique, um guia perfeito que me vai revelando o quanto se pode e deve ver dentro do Castelo de Lorca, desde os vestígios mais antigos, como as partes

da muralha erguidas durante a dominação árabe, até os vestígios mais recentes da história: alguns ainda visíveis do terremoto de dez anos atrás.

“ Do meu percurso não posso deixar de parar para apreciar as vistas excepcionais do alto das duas torres, mas também merece uma visita a cisterna espetacular e, acima de tudo, o prazer que me dá caminhar por esse espaço tão grande e que é história pura. ”



Mais algumas caminhadas e mais uma visita ao Museu Arqueológico completam a minha manhã, mas não posso deixar Lorca sem espreitar a sua Semana Santa, de que todos me falam e que, para minha surpresa, também tem uma forte componente judaica. Como é possível?

“

*A explicação é que estamos perante uma Semana Santa mais do que peculiar, na qual em lugar das procissões como as conhecemos, celebram-se o que os seus protagonistas chamam “desfiles bíblicos” com personagens do Antigo Testamento.*

”

Para saber um pouco mais sobre isto, visito o Museu de Bordados del Paso Blanco, uma das duas grandes confrarias da cidade.

Encontra-se na antiga Igreja de Santo Domingo -que sem dúvida já é espetacular por si só-, e no qual se mostram sobretudo as impressionantes capas bordadas que se usam nos desfiles, chamativas, surpreendentes, únicas, algo que certamente lhes chamará a atenção e irão gostar tanto como eu, uma lembrança do judeu tradicional e entranhável e, ao mesmo tempo, com um valor artístico inegável.

Lorca surpreendeu-me e sinto que deveria ficar mais tempo, conhecê-la melhor, aproveitá-la mais plenamente, mas é hora de partir: Sagunto espera-me.





## DIA 3: SAGUNTO, CIVILIZAÇÕES AMONTOADAS

Finalmente chegou o dia em que tenho a oportunidade de conhecer Sagunto, a cidade ibera e romana e, agora sabemos, também judia. Encontro o meu guia Amir na grande praça central da cidade, a apenas um passo da zona histórica, que começa com a modesta mas bonita Plaza Mayor.

Bom conhecedor do seu ofício e da história de Sagunto, Amir leva-me antes de mais nada ao Museu Histórico.

Num edifício medieval deslumbrante, nas suas salas tranquilas encontramos vestígios de todos os passados da cidade e, sobretudo, um objeto de singular importância: uma placa de chumbo em forma de sola que é o primeiro testemunho escrito de presença judaica na que era então a Hispânia e depois foi Espanha e também Sefarad.



*Datada de finais do século I ou princípios do século II, a placa contém uma maldição e apesar da sua aparência frágil e dir-se-ia irrelevante, é talvez a peça mais marcante do museu. Talvez os descendentes desse primeiro sefardita de Sagunto tenham vivido muito tempo depois, num conjunto de ruas na parte mais alta da cidade, mesmo aos pés do castelo.*



Rodeada por uma muralha como muitas judiarias de Espanha, acedia-se à aljama de Sagunto por várias portas das quais se conserva uma: o Portalet de la sang -um nome que nada tem a ver com aquele passado hebraico- que atravessamos para entrar no velho bairro sefardita sentindo um leve encantamento, como quem atravessa a soleira da velha casa onde vivia a família, há muito tempo atrás.



Ao contrário de Lorca, pelo que foi a judiaria de Sagunto passaram-se tantas coisas e passaram tantas pessoas como o tempo, mas ainda se conservam pormenores que vão encher o bom viajante da mesma emoção que se produz em mim: a pequena praceta onde estava a sinagoga e na qual uma casa atual tem uma mezuzá ou a velha fachada medieval que ainda guarda espaço na sua ombreira para esses versículos da Torá. O passado e o presente cruzam-se a apenas alguns passos um do outro.

### Cemitérios recordados

A judiaria de Sagunto chegou a ser uma das mais importantes do Reino de Valência e até a mais povoada depois da horrível destruição da de Valência. Durante séculos deve ter sido um bairro cheio de vida e atividade, mas provavelmente o testemunho mais importante que nos deixou da sua presença são os seus dois cemitérios, dos mais interessantes e mais bem conservados da península. Ambos ficam na encosta da colina do castelo, praticamente no abrigo das muralhas. O mais antigo quase poderia passar despercebido ao viajante que não conheça a história: uma série de covas separadas por alguns metros umas das outras que vão marcando a estreita estrada que sobe.



*Abandonadas durante séculos, por vezes utilizadas para os mais variados fins -inclusive como abrigo antiaéreo-, ultimamente foram colocadas algumas grades na entrada, algumas com motivos judaicos, que ajudam a deixar testemunho do que foram aquelas pequenas cavidades na montanha... e o que devem ser na nossa memória.*





O segundo cemitério é posterior e foi criado, precisamente, como resposta aos problemas que o uso do primeiro estava a gerar.

Foi descoberto há poucos anos e corresponde mais à imagem que temos de um cemitério: túmulos escavados no chão, cobertos por lápides... Um pequeno terreno junto à muralha do castelo foi resgatado e musealizado, e que é provavelmente o cemitério sefardita mais bem conservado de Espanha. Rodeado por ciprestes novos e ainda pequenos, nesta manhã enevoada -mas não demasiado fresca- sinto-me noutra daqueles lugares capazes de nos transportar ao tempo que as cidades da Red de Juderías costumam oferecer-nos e, por um momento, penso que, certamente, está prestes a surgir um sefardita de Sagunto, de antes da expulsão, a

honrar os seus mortos que, embora talvez ele não saiba, também são os meus.

### **Outro castelo e umas letras em hebraico**

Se a Fortaleza del Sol em Lorca é grande, o castelo de Sagunto é provavelmente ainda maior: imenso em altura, de onde se domina toda a costa, passeio pelo seu interior e vejo-o como o resumo perfeito do que é Sagunto: Restos iberos, romanos (de várias épocas), medievais, tardo-medievais, do século XIX e mesmo do século XX amontoam-se, não sem alguma confusão, mas certamente com uma grandiosidade notável.

No centro do enorme recinto encontra-se um encantador museu epigráfico, com um gosto encantador a velho gabinete de antiguidades e repleto de antigas pedras com inscrições.

A maior parte é em latim, como seria de esperar, mas na sala dos fundos várias têm letras diferentes que reconheço ainda que não seja capaz de as entender: hebraico gravado sobre as velhas rochas, um testemunho (outro) de uma comunidade que por aqui passou e quis e pôde deixar a marca dessa passagem.

“

*Não percorro toda a imensidão do castelo, que me parece inabarcável e ainda mais quando o meio-dia se aproxima perigosamente e ainda temos outro marco da herança judaica de Sagunto: um mikvé -o espaço para o banho ritual judaico- que se conserva na Casa de los Berenguer, um palácio gótico-renascentista espetacular. Mais uma peça de um património que é, a cada minuto mais me convenço, verdadeiramente espetacular.*

”



### À sombra do teatro

Paro para comer e faço-o numa pequena esplanada quase no cimo da cidade, à sombra do grande Teatro Romano.

A Taberna de la Serp conforta-me com uma cerveja bem gelada e algumas tapas que também têm pelo menos parte da sua inspiração na cozinha sefardita, como o delicioso falafel ou

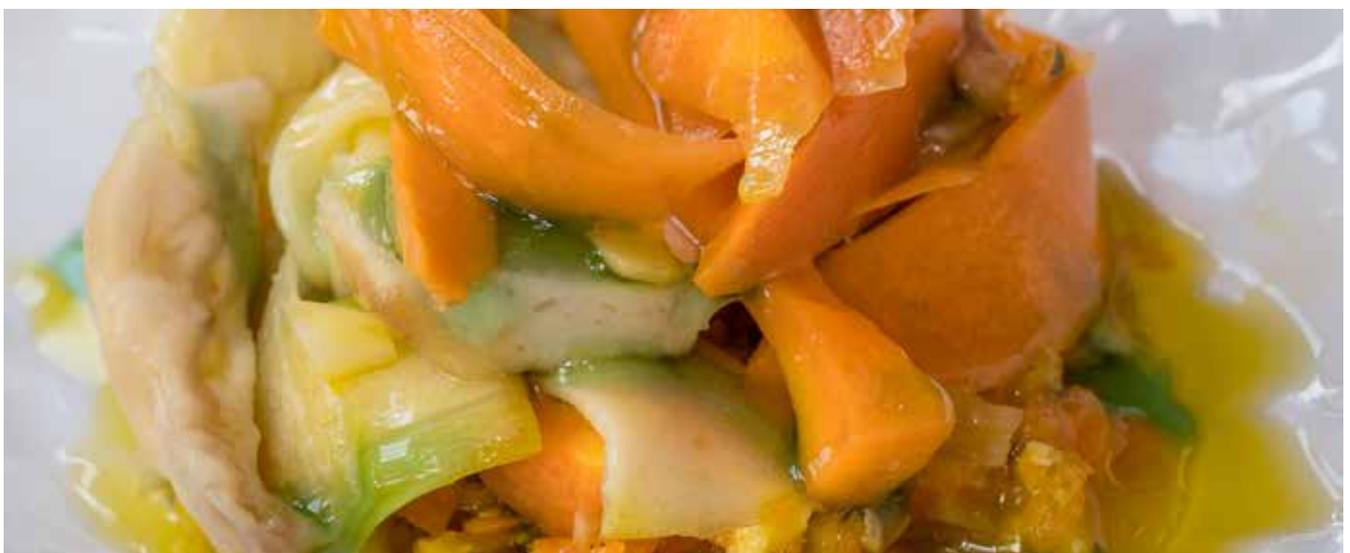
uma surpreendente e deliciosa salada de pickles.

É o momento perfeito para fugir das horas de maior calor e da luz mais forte, descansar e ir descarregando fotos e anotações.

Volto à Domus Atilia, a tranquila pousada perto do centro que escolhi como base de operações e onde Inês me enche de

simpatia e atenções.

Com o sol da tarde mais quente e ameno, saio novamente para procurar mais algumas fotografias e passeio até a noite me alcançar pelas ruas estreitas da judiaria, iluminadas com luzes bem quentes que deixam muito espaço para as sombras e também para a imaginação ou, quem sabe, até para o sonho.





## DIA 4: RUAS ROMANAS

Começo o dia na antiga vila piscatória de Sagunto, pouco depois do nascer do sol. Não está por ali, pelo menos que se saiba, o antigo porto romano, tão importante, mas eu queria conhecer essa minúscula aldeia, pobre mas encantadora, intensamente mediterrânea e muito solitária a estas horas.

Depois tento aproveitar o tempo para trocar algumas das minhas fotos enevoadas do dia anterior por outras mais ensolaradas e volto ao castelo e deitinho-me um pouco mais no teatro impressionante, que me continua a dar as sensações encontradas que, creio, se irão gerar na maioria dos que conhecem a sua história, tão antiga e ao mesmo tempo tão intensa nas últimas décadas.



*Quero também visitar os últimos achados arqueológicos da Sagunto romana. Um deles é a Domus de los Peces, uma villa que segundo os arqueólogos deve ter pertencido a uma família importante e abastada e que nos dá uma ideia bastante aproximada do que era o luxo por volta do segundo século da nossa era.*



A outra é a Vía del Pórtico, que também foi descoberta muito recentemente e por puro acaso, quando ia ser construído um edifício residencial no que tinha sido até bem pouco um campo desportivo.

Contam-me que foram anos de polémica e braço-de-ferro, mas no final as casas foram construídas, sim, mas apoiando-se sobre um conjunto impressionante de vestígios romanos e medievais.



O mais impressionante é um longo troço de calçada - pouco mais de 60 metros - num estado de conservação surpreendente: as lajes de pedra perfeitamente alinhadas respondem à imagem de meticulosidade que esperamos das construções romanas, mas que é tão difícil que o tempo nos deixe apreciar e ainda menos no coração de uma cidade.

Mas não é tudo: há vestígios de um edifício monumental, não sendo claro se é um templo, há casas e, um pouco mais à frente, uma pequena necrópole visigótica e um par de casas da época do domínio muçulmano.

Dada a complexidade e riqueza do conjunto, é impossível não pensar nas maravilhas que se terão perdido sob o solo de Sagunto e, mais ainda, nas que ainda estarão à espera da pá do arqueólogo e da curiosidade do viajante.

Que tesouros iberos, romanos, judaicos, muçulmanos e cristãos ainda estarão por descobrir?

“

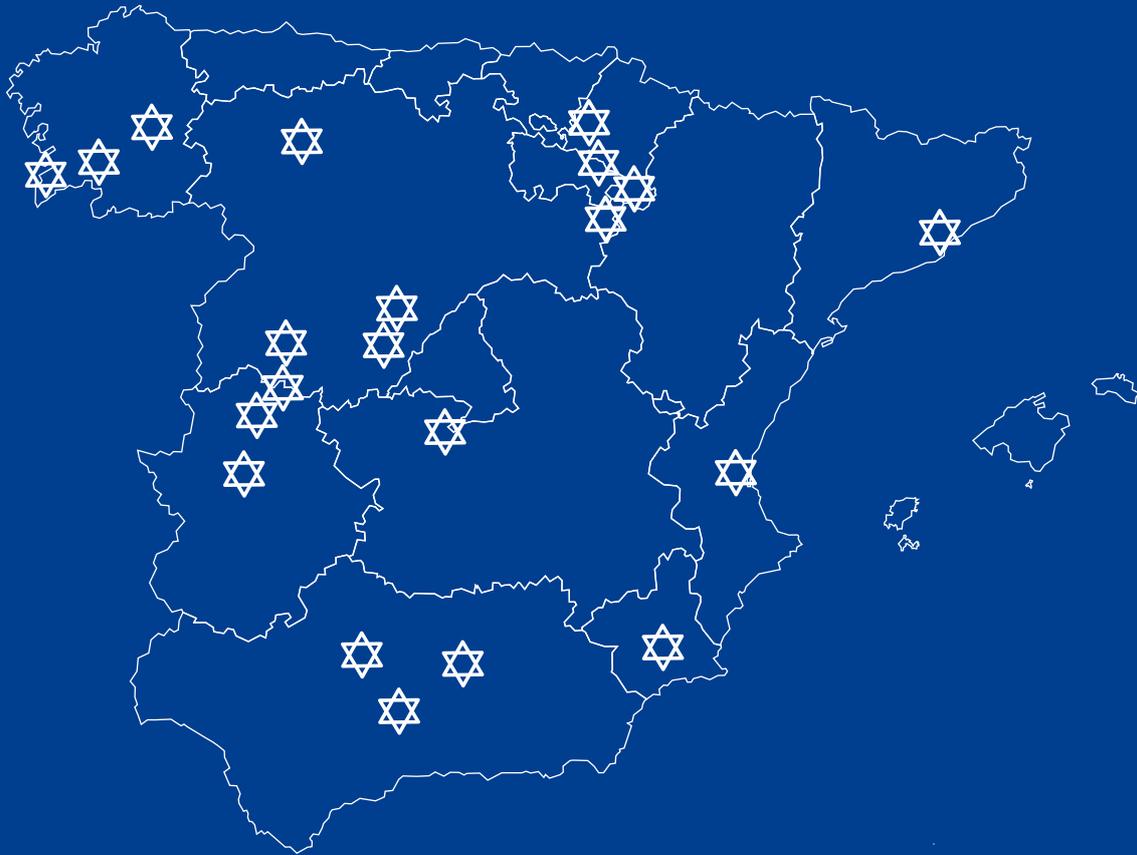
*Pergunto-me enquanto, a uns metros abaixo do nível da rua atual, contemplo a velha Sagunto romana e por cima da minha cabeça os vizinhos acedem às suas casas através de um passadiço com paredes de vidro. Graças a eles podemos vê-los e eles podem entrar e sair das suas casas como se sobrevoassem essa maravilha arqueológica de quase dois mil anos de antiguidade à qual, por força do hábito, é capaz de acostumar até aos mais excecionais, que quase não dedicam nem um olhar rápido.*

”

Olho-os e invejo-os, na verdade, embora tenha a consciência que também me habituaria a esse portal, que talvez seja o mais espetacular do mundo e que, sobretudo, se converteu inadvertidamente numa metáfora perfeita do dia a dia de uma cidade que tem de conviver com um passado excepcional, avassalador, e que o faz e o vai resgatando para que outros o desfrutemos, quer seja em busca da Sagunto muçulmana, romana, medieval ou judia, que ao fim e ao cabo eram um pouco todas a mesma.

Mas chega de devaneios, é hora de voltar para casa, a viagem acabou e enquanto se vai convertendo em memória é preciso começar a pensar na próxima aventura, na próxima vez que sairmos de casa à procura de velhas judiarias.





ÁVILA . BARCELONA . BÉJAR . CÁCERES . CALAHORRA . CÓRDOBA .  
ESTELLA-LIZARRA . HERVÁS . JAÉN . LEÓN . LORCA . LUCENA . MONFORTE  
DE LEMOS . PLASENCIA . RIBADAVIA . SAGUNTO . SEGOVIA . TARAZONA .  
TOLEDO . TUDELA . TUI



CAMINHOS DE  
SEFARAD  
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

[redjuderias.org](http://redjuderias.org)  
[descubresefarad.com](http://descubresefarad.com)  
[descubridores@redjuderias.org](mailto:descubridores@redjuderias.org)

